

Eixo temático: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social

Sub-eixo: Ética em Pesquisa – peculiaridades e enfrentamentos

TRABALHO, ÉTICA E SER SOCIAL

MÁRCIA SGARBIEIRO¹

RESUMO

O presente texto é uma reflexão sobre o lugar da ética na construção do ser social. Este ser se relaciona com a natureza para suprir suas necessidades a partir do trabalho. Com base na teoria social de Marx e na ontologia do ser social de Lukács, entendemos que o ser social é um ser ético. Finalizamos o texto discorrendo sobre a capacidade ética do ser social no desenvolvimento da sociabilidade.

Palavras-chave: Ética, Trabalho, ser social

ABSTRACT

This text is a reflection on the place of ethics in the construction of the social being. This being relates to nature in order to meet its needs through work. Based on Marx's social theory and Lukács' ontology of social being, we understand that the social being is an ethical being. We end the text by discussing the ethical capacity of the social being in the development of sociability.

Keywords: Ethics, Work, social being

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Marx, o trabalho é o fundamento ontológico social do ser social de outros seres de natureza. As mediações, capacidades essenciais postas em movimento através de sua atividade vital, não são dadas à ele, são conquistadas no processo histórico de sua autoconstrução pelo trabalho. A sociabilidade, a consciência, a universalidade e a liberdade. O trabalho não é uma construção de apenas um indivíduo, mas uma construção coletiva.

Ontologicamente, o trabalho constitui o ser humano; por meio dele a humanidade cria e recria o mundo em que vive, isto é, produz a sua vida socialmente e portanto,

¹ Universidade Estadual de Londrina



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

individualmente. No modo de produção Capitalista, a sociedade é dividida em proprietários dos meios de produção (terra, fábricas, dinheiro) e os que não possuem esses meios (Proletários). A maioria das pessoas tem como "propriedade" apenas a sua capacidade física e mental, sua força de trabalho que deve ser colocada à venda e comprada, no mercado, como uma mercadoria. A divisão social do trabalho corresponde à divisão da propriedade da riqueza e do poder, classes sociais e suas subdivisões. Assim se constitui o ethos da sociabilidade burguesa.

O desenvolvimento da sociabilidade implica a recriação de necessidades e formas de satisfação, do qual decorre a transformação do ser social e do mundo natural, ou seja, do sujeito e do objeto. Uma necessidade primária, como por exemplo, a fome, torna-se social na medida em que suas formas de satisfação são determinadas socialmente. Além de supor a sociabilidade, o trabalho também implica um conhecimento da natureza e a valoração dos objetos necessários ao seu desenvolvimento, onde é dada a gênese da consciência humana, como capacidade racional e valorativa. Por ser capaz de agir racionalmente, o homem pode conhecer a realidade, de modo a apreender sua própria existência.

2 TRABALHO, CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL E ÉTICA

O ser social se relaciona com a natureza para suprir suas necessidades através do trabalho. Este é a forma de objetivação mais primária e em Marx o trabalho é categoria central. Lukács (2012, p. 286) discorre sobre o trabalho baseado em Marx:

O trabalho dá lugar a uma dupla transformação. Por um lado, o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve as potências que nela se encontram latentes e sujeita as forças da natureza a seu próprio domínio.

Primeiramente, ao mesmo tempo em que o homem transforma a natureza, esta, já transformada pelo trabalho, também o transforma. A própria natureza do homem se modifica pela potencialidade de transformação desenvolvida durante a transformação da natureza.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios de trabalho, em objetos de trabalho, em matérias-primas, etc. O homem que trabalha usa as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas para submeter outras coisas a seu poder, atuando sobre elas de acordo com seu propósito. Os objetos naturais, todavia continuam a ser em si o que eram por natureza, na medida em que suas propriedades, relações e vínculos etc. existem objetiva e independentemente da consciência do homem. (LUKÁCS, 2012, p. 286)

À medida que o homem atua sobre a natureza ele transforma suas forças em instrumento de trabalho e em matéria prima. O homem trabalha e submete as coisas ao seu poder de acordo com seu propósito. Os objetos continuam a ser o que eram em si, porém modificados pela capacidade humana de trabalho. Mas ao mesmo tempo os objetos continuam a ser o que eram independente da consciência do homem.

Lukács (2012, 286) ainda continua: [...] através de um conhecimento correto, através do trabalho, é que [os objetos] podem ser postos em movimento, podem ser convertidos em coisas úteis. Esta conversão em coisas úteis, porém, é um processo teleológico.

Para o autor, baseado em Marx (2006) o processo teleológico diz respeito a prévia ideação, ou seja, o resultado do produto do trabalho já estava presente na imaginação desde o início do processo: “no processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumento de trabalho. (MARX, 2006, p. 214)

O trabalho é fundamento ontológico social do ser social. O ser social se constrói através do trabalho. O trabalho como categoria ontológica dá ao ser social o caráter universal, ou seja, não é caráter de um indivíduo, mas da cooperação entre os homens; é uma questão coletiva e não individual. O trabalho responde a necessidades sócio históricas através da linguagem, costumes, cultura.

De acordo com Barroco (2005), à medida que o homem desenvolve sociabilidade, as necessidades primárias como a fome são supridas e vão-se criando outras necessidades cada vez mais complexas. Assim como as necessidades se complexificam, a maneira como o ser social se desenvolve para suprir estas necessidades também se complexificam. Assim criam-se novas habilidades e potencialidades do ser social.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O trabalho exige do homem um conhecimento da natureza e dos objetos necessários para desenvolver a mesma. Graças a consciência o homem age racionalmente e reconhece sua própria existência como produto da práxis. Por práxis entendo, assim como Braz e Netto (2006) como sendo o conjunto das objetivações humana, é uma categoria mais abrangente que o trabalho. O trabalho é modelo da práxis. A ética como objetivação humana é produto da práxis. Trataremos da questão da ética como objetivação humana mais a frente.

Por ser consciente, o homem age teleologicamente; transforma suas necessidades e formas de satisfação em novas perguntas; autoconstrói-se como um ser de projetos; torna-se autoconsciente, como sujeito construtor de si mesmo e da história. O trabalho e seu produto, a cultura, fundam a história, autoconstrução dos próprios homens, em sua relação recíproca com a natureza. (BARROCO, 2005, p. 27-28).

O homem se autoconstrói como um ser de projetos e transforma suas necessidades. Assim novas perguntas e necessidades vão surgindo. O produto do trabalho, a cultura funda a história da humanidade.

A universalidade, a sociabilidade, a consciência e a liberdade são capacidades humano-genéricas, ou seja, sem as quais a práxis não se realiza com suas potencialidades emancipatórias. Inscritas na dinâmica da totalidade social – cada vez mais complexa e rica em determinações –, tais capacidades são mediações entre os indivíduos e o gênero humano, perpassando por todas as esferas, podendo se desenvolver mais em umas e menos em outras. Isto sem contar que as diversas esferas sociais também se desenvolvem de forma desigual – nelas mesmas e em relação aos indivíduos, classes e estratos sociais. (BARROCO, 2005, p. 28).

São as capacidades humano-genéricas que se realizam na práxis em sua potencialidade emancipatória. Cada vez mais ricas em determinações. O conhecimento é uma capacidade humano genérica indispensável ao trabalho e ao desenvolvimento do ser social. Mas à medida que o ser social se desenvolve, institucionaliza o conhecimento, como é o caso das universidades, por exemplo. Segundo Barroco (2005), mesmo ocorre com a moral, pois a medida que a ética se desenvolve para permear a conduta dos indivíduos em sociedade, ela acaba por ser institucionalizada, como é o caso das leis e do direito, por exemplo.

Assim como as escolhas, a orientação de valor é inerente às atividades humanas; sua criação é objetiva, também gerada a partir do trabalho. Para transformar a natureza, o homem desenvolve um certo nível de conhecimento que lhe permite saber quais são as formas apropriadas para essa intervenção. (BARROCO, 2005, p. 29).

A criação de valores também é uma objetivação criada pelo trabalho. Ao transformar a natureza, o ser social desenvolve conhecimento para saber quais as formas, materiais e maneiras de transformar esta natureza. Barroco (2005) ainda continua citando exemplo da produção de fogo. Para produzir este o ser social desenvolve conhecimento da melhor maneira e melhores instrumentos para esta produção.

Um objeto tem um determinado valor, dada a utilidade que ele tem para desenvolver as habilidades humanas. A autora cita o exemplo da faca que existe em função das utilidades matérias para a utilização do homem para cortar os objetos. Mas ela pode também matar, aí entra a questão da valoração: pode matar um animal para suprir a necessidade de alimentação, ou para salvar a vida de uma pessoa, isso confere a pessoa que usou a faca para matar o caráter de herói.

Mas a faca também pode matar outra pessoa, neste momento pode entrar a da necessidade do direito para permear a questão da convivência entre os seres humanos. “Assim se coloca o caráter objetivo dos valores; eles sempre correspondem a necessidades e possibilidades sócio-históricas dos homens, em sua práxis.” (BARROCO, 2005, p. 29). Os valores são construídos e evoluem de acordo com as necessidades humanas em sua práxis.

A práxis também tem a finalidade de versar sobre a interação entre os homens através da cultura, por exemplo. À medida que a sociabilidade humana se desenvolve, os homens desenvolvem uma práxis interativa que vai no sentido de uma transformação consciente, de valores, de conhecimento e teleológica. São várias formas de práxis, dirigidas por uma base ontológica primária dada pelo trabalho.

Barroco (2005) ainda continua dizendo que a “gênese das escolhas e alternativas de valor são indissociáveis da práxis” que são categorias objetivas e históricas. Os valores colocados pela ação primária do homem sobre a natureza estabelecem mediações entre o homem e o objeto. Na arte o homem se reconhece na sua obra e esta



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

é expressão de sua capacidade teleológica. Quando cria uma obra de arte, o homem cria valores e interfere no gosto estético da humanidade. O produto da práxis é a transformação na relação sujeito objeto, indivíduos e gênero humano.

Com relação a construção de valores a Barroco (2005) continua:

Tendo como suposto que o valor é uma categoria ontológico-social – por isso sempre objetiva –, podemos considerar as várias expressões de valor como mediações – cada vez mais complexas -, inscritas no desenvolvimento histórico do ser social.

Como categoria ontológica, os valores são uma categoria objetiva. As várias expressões de valor vão se complexificando à medida que a sociedade se complexifica.

Todas as nossas ações são guiadas por valores socialmente construídos; mais de uma categoria, por exemplo: quando dou um conselho, quando avalio algo, quando emito uma opinião são várias categorias de valor socialmente construídas que permeiam estas ações. “Mas dada a complexidade da totalidade sócio-histórica, os valores não operam da mesma forma e em cada esfera social.” (BARROCO, 2005, p. 32). A autora cita o exemplo de que valores estéticos não tem a mesma legalidade de valores econômicos. Isso se dá devido a centralidade que o valor econômico vai ganhando com o desenvolvimento da sociedade, a medida que a arte se torna mercadoria, uma obra nem sempre terá seu valor definido pelo valor estético, e sim pelo econômico.

Isso é um exemplo de como as categorias podem ser diferentes dependendo do tempo histórico. A humanidade se desenvolve como ser social, porém algumas categorias e valores não são todos os indivíduos que irão apreender, pois, uma vez que cada indivíduo é ao mesmo tempo ser humano genérico e individual, ele carrega consigo a totalidade e uma expressão de sua singularidade. Barroco (2005) reflete isso de acordo com a construção metodológica materialista dialética dizendo que este processo se dá através de mediações que afirmam e negam as capacidades do ser social desenvolvidas historicamente.

Na sociedade capitalista o trabalho se torna alienado:

No contexto da sociedade capitalista, em face da apropriação privada dos meios de produção e das formas pelas quais se objetiva a (re) produção da vida social, o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

trabalho se realiza de modo a negar suas potencialidades emancipadoras. Invertendo seu caráter de atividade livre, consciente, universal e social, propicia que os indivíduos que realizam o trabalho não se reconheçam, nele, como sujeitos. Ao ser alienado, em todo o processo, da atividade que lhe confere identidade humana, o trabalhador se aliena do objeto que ele mesmo criou; com isso se aliena da atividade, da relação – consigo mesmo e com os outros. (BARROCO, 2005, p. 33-34).

O trabalho desenvolve um processo inverso na sociedade capitalista: ao invés de desenvolver as potencialidades do ser social individual e coletivamente, o homem se aliena deste processo a medida que o trabalho torna-se mercadoria. O trabalhador se aliena da sua atividade, não tendo mais noção do produto que esta pode gerar, se aliena da sua relação com o outro e consigo mesmo.

Na sociedade contemporânea, a realização da vida genérica do homem deixa de ser o objeto do seu trabalho; agora, esta atividade descentrou-se, inverteu-se mesmo; é a vida genérica do homem que se torna um instrumento para a consecução da sua sobrevivência física (orgânica, animal, natural). Nas condições desta sociedade, o trabalho, portanto, não é a objetivação pela qual o ser genérico se realiza: é uma objetivação que o perde, que o aniquila. (NETTO, 1981, p. 56).

Neste processo há uma separação entre sujeito e objeto “que permite a (re) produção de relações sociais nas quais a riqueza humana socialmente construída não é apropriada material e espiritualmente pelos indivíduos que a construíram” (BARROCO, 2005, p. 34). Segundo a autora, o produto da atividade humano genérica do trabalho se converte em algo que é estranho aos indivíduos. Estes passam a ser objeto e os objetos, coisas. A transformação do produto da práxis em objetos estranhos ao homem dá a sensação a este de que o objeto os domina. Assim os valores, que também são produtos da práxis, tomam a forma de coisa independente da atividade humana. Segundo (Barroco, 2005) a alienação invade todas as dimensões da vida social e objetivações do ser social.

Todas as atividades humanas contêm uma relação de valor; são orientadas, às vezes, por mais de uma, mas, dada a centralidade da produção material efetuada pela práxis produtiva, o valor econômico tende a influenciar todas as esferas. Na sociedade capitalista, os valores éticos, estéticos, tendem a se expressar como valores de posse, de consumo, produzindo sentimentos, comportamentos e representações individualistas, negadoras da alteridade e da sociabilidade livre. (BARROCO, 2005, p. 35).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

As atividades humanas são orientadas por valores. Mas na atual sociedade capitalista a centralidade está no valor econômico. Sendo assim, os valores éticos e estéticos ganham a dimensão de valores de posse e individualistas, deixando de lado a sociabilidade conquistada pela atividade livre.

A convivência com os outros seres humanos é diretamente afetada por estes valores de posse e individualistas. Sobre isso Barroco (2005, p. 35) escreve:

[...] quando os indivíduos vivem exclusivamente voltados ao “eu”, tratando o outro como um limite à sua liberdade. Principalmente, as normas e deveres morais passam a configurar-se como exigências externas aos indivíduos; exigências que não lhes dizem respeito, mas a que devem “obedecer”; a moral se transforma num conjunto de obrigações formais, marcadas por um significado negativo, repressivo. (BARROCO, 2005, p. 36).

As normas passam a ser uma imposição aos indivíduos como algo que se deve seguir sem questionamento, algo externo e não criado pelos próprios. Isso acontece quando o outro é visto como uma ameaça à liberdade individual, própria da sociabilidade burguesa.

A partir de agora discorreremos, sobre a **vida cotidiana**: “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social.” (HELLER, 1992, p. 20).

O indivíduo é representado pelo singular e genérico, mas ao mesmo tempo sua singularidade não representa todo o gênero humano. A consciência do humano genérico, construído ontologicamente, não se orienta na direção do “eu”. Este é característico de uma sociabilidade alienada, e o cotidiano tende a alienação. As necessidades humanas são percebidas pelo indivíduo e este busca supri-las para satisfazer o “eu”. Mas este “eu” não representa gênero humano, mas a singularidade do indivíduo.

Sobre a vida cotidiana Barroco (2005) escreve:

A vida cotidiana é insuprimível; nela, o indivíduo se socializa, aprende a responder às necessidades práticas imediatas, assimila hábitos, costumes e normas de comportamento. Ao incorporar tais mediações, vincula-se à sociedade, reproduz o desenvolvimento humano-genérico, mas as formas dessa incorporação caracterizam-se por uma dinâmica voltada à singularidade, não à genericidade. (BARROCO, 2005, p. 37).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Na vida cotidiana o indivíduo se socializa, responde suas necessidades imediatas, vincula-se à sociedade e reproduz seu desenvolvimento como ser humano genérico, mas esta incorporação se dá de uma maneira voltada a singularidade e não a genericidade. Barroco (2005) ainda continua dizendo que a interação entre indivíduo e sociedade não se faz de maneira antagônica. As motivações do “eu” sempre se referem a um grupo, portanto são sociais. Referem-se também a valores socialmente legitimados, a um conjunto de ideias, a costumes, à cultura existente ou à sua negação. O “eu” está sempre permeado por mediações que dizem respeito ao contexto onde este indivíduo desenvolve sua vida cotidiana, seja por costumes, cultura, ideias.

Para Barroco (2005) a relação entre o indivíduo e a sociedade, na vida cotidiana, acontece de modo espontâneo e acrítico e geralmente é apreendido através de uma identificação mediata. O indivíduo responde suas necessidades na vida cotidiana de forma imediata num vínculo entre pensamento e ação de maneira automática e sem reflexões. As mediações aparecem ocultas pela aparência imediata devido à tendência à alienação da vida cotidiana. Os indivíduos não são capazes de forma imediata de considerar as mediações presentes nos fatos da vida cotidiana. Barroco (2005) ainda continua dizendo que os comportamentos, valores e motivações aparecem como elementos que existem e funcionam em si e por si mesmos que se tornam somas de fenômenos e as relações e vínculos sociais são desconsiderados.

Com base em Barroco (2005) entendemos que indivíduo não se percebe como ser com capacidade coletiva. Ele põe em prática suas capacidades, mas se coloca como ser apenas singular no âmbito da vida cotidiana. Na vida cotidiana as atividades não são orientadas à capacidade humano-genérica do ser social. Barroco chama o grau de utilização desta capacidade de intensidade, que no caso se coloca abaixo das capacidades humano-genérica devido à tendência a alienação da vida cotidiana.

Não é somente pela intensidade que as motivações se definem em sua cotidianidade mas, principalmente, pelo fato de serem motivações passivas, cuja hierarquia não obedece a uma escolha consciente e crítica, nem a uma finalidade que busque transcender o imediato; a cotidianidade se move em função do critério de utilidade prática das ações e não do desvelamento de seu significado. Sendo assim, a atividade teórica, por exemplo, não faz parte da vida do indivíduo, enquanto ele está mergulhado em sua cotidianidade (BARROCO, 2005, p. 39).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Na vida cotidiana o que importa é a utilidade prática das ações humanas, não seus significados e contextos. A atividade teórica não é uma atividade do indivíduo na vida cotidiana. Mas apesar da vida cotidiana ser voltada ao individual e sem muitas reflexões, ela é ontológica e parte do ser social. O contexto da vida cotidiana é contraditório neste sentido, pois apesar de ser voltado para o “eu” e tender a alienação, é nele que os indivíduos desenvolvem o processo de socialização. Como o indivíduo carrega consigo a alienação do “eu”, mas também o desenvolvimento do ser social, é na vida cotidiana que ele responde a necessidade de autoconservação, ou seja, aprende a responder às necessidades imediatas e ao mesmo tempo aprende a manipular objetos e assimila costumes e formas de socialização.

Na medida em que a vida cotidiana, o indivíduo expressa motivações heterogêneas, efêmeras, carregadas de espontaneísmo e repetição acrítica, não faz parte do cotidiano a profundidade, a amplitude e a intensidade necessária às atividades em que o homem entra em contato com suas capacidades essenciais, ou seja, com sua capacidade de criar, transformar, escolher, valorizar de forma consciente. Por isso, a atividade cotidiana não é uma práxis. (BARROCO, 2005, p. 40).

Mas temos que lembrar que atividade cotidiana não é práxis, pois é graças a consciência que o homem age racionalmente e reconhece sua própria existência como produto da práxis. No caso da vida cotidiana, a medida que o indivíduo expressa imediatismo, espontaneísmo, não está presente a profundidade e a reflexão. O indivíduo não entra em contato imediato com sua capacidade teleológica, sua capacidade de criar e transformar. A elevação do indivíduo às capacidades humano genéricas requer muito esforço, uma elevação acima do cotidiano para se reconhecer como representante do gênero humano. Através das mediações da consciência, o ser singular se reconhece como representante do gênero humano, mas não perde sua singularidade neste processo de elevação do singular ao humano-genérico. Mas a singularidade pode ser superada à medida que ele se torna inteiramente homem no processo de ascensão à consciência humano-genérica.

Apesar da vida cotidiana expressar alienação, não quer dizer que ela seja ontologicamente alienada, ela tende a alienação. No momento que na vida cotidiana o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

indivíduo busca motivações que remetem ao humano genérico como superação do preconceito, participação política etc, este contribui com a alienação. Estas atividades são permeadas por valores que se referem a capacidade ética do ser social.

Com relação a moral Barroco (2005, p. 42) discorre sobre a capacidade ética do ser social:

A moral origina-se do desenvolvimento da sociabilidade, responde à necessidade prática de estabelecimento determinadas normas e deveres, tendo em vista a socialização e a convivência social. Faz parte do processo de socialização dos indivíduos, reproduzindo-se através do hábito e expressando valores e princípios socio culturais dominantes, numa determinada época histórica.

A moral tem origem na capacidade de sociabilidade do ser humano. Vem ao encontro das necessidades práticas do cotidiano. Expressa hábitos e valores de uma determinada época histórica. Os valores quando internalizados tornam-se um direcionamento para os indivíduos na vida cotidiana, em sua relação com os outros e a sociedade. Por senso moral Barroco (2005) entende:

O senso moral ou moralidade é uma medida para julgar se os indivíduos estão socializados, ou seja, se são responsáveis por seus atos e comportam-se de acordo com as normas e os valores socialmente determinados. Por isso, a moral tem uma função integradora; estabelece uma mediação de valor entre o indivíduo e a sociedade; entre ele e os outros, entre sua consciência e sua prática. (BARROCO, 2005, p. 42-43).

O senso moral tem a finalidade de medir a que ponto o indivíduo está inteirado moralmente. Se este está apto a viver em uma sociedade com seus costumes e valores construídos socialmente. A autora continua dizendo que o senso moral produz novas mediações; dá valor a comportamentos e se reproduz deveres. Quando o indivíduo não cumpre um dos deveres ou quando não cumpre uma norma moral, é julgado negativamente ou é exaltado caso cumpra com as normas morais.

O senso moral expressa o ethos da identidade cultural de uma sociedade num determinado momento histórico. Muitos vínculos sociais são estabelecido graças ao senso moral, pois o caráter de um indivíduo é permeado pelo senso moral de uma sociedade.

Através da ética o ser social constrói mediações na relação com o outro. A ética está inteirada na construção de conhecimento como capacidade do ser social.

Considerada em seus fundamentos ontológicos, a moral é parte da práxis interativa; [...] contém uma série de potencialidades emancipadoras; é uma expressão da capacidade auto legisladora do ser social; supõe a adoção de valores, a escolha entre eles; torna o indivíduo responsável pelos seus atos, amplia sua consciência, estabelece vínculos sociais, propicia um exercício de autonomia, entre outros. (BARROCO, 2005, p. 44).

Em seus fundamentos ontológicos, a moral se desenvolve a medida que a sociabilidade humana se desenvolve. É parte da capacidade humana de criar leis para a convivência entre os homens, escolhe valores, coloca o indivíduo como responsável por sua conduta, estabelece vínculos sociais.

Mas como a vida cotidiana tende a alienação, a escolha de valores acaba sendo limitada pela sociabilidade em que vivemos, que no caso é a burguesa. As relações mercantilizadas fazem com que as leis morais sejam permeadas por valores construídos pela sociedade de classe.

No estágio da sociedade capitalista, a moral é permeada por interesses de classe e pela (re)produção das relações sociais vigentes. Isto acontece devido às normas estabelecidas e a subordinação das necessidades, desejos particulares às exigências sociais ditadas pela sociedade burguesa. Nestas condições as escolhas são ditadas por normas estabelecidas por “determinantes ideológicos coercitivos” e nem sempre propiciam liberdade.

3 CONCLUSÃO

A ética como objetivação humana é produto da práxis. Através do trabalho o homem constrói a si mesmo e constrói as mediações para se desenvolver como ser social.

Na breve reflexão que aqui fizemos procuramos problematizar a vida cotidiana e como esta tende a alienação pelas condições dadas na sociedade capitalista. Devido a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

estes determinantes a ética é permeada por valores construídos e seguidos para legitimar esta tal sociabilidade.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lúcia. **Ética em Serviço Social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 3 ed. 2005.

BRAZ, Marcelo; NETTO, José Paulo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca Básica de Serviço Social; v.1).

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 4 ed. 1992.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, livro 1, 2006.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.